

## **Resenha: Formação permanente do professorado, novas tendências (Francisco Imbernón)\***

**Francisca Eleodora Santos Severino\*\***

Universidade Católica de Santos (UNISANTOS),  
Rua Dr. Carvalho de Mendonça, 144, Vila Mathias, CEP 11070-906 - Santos, SP, Brasil,  
e-mail: frasev@uol.com.br

Esse pequeno livro de Imbernón constitui um importante instrumento de trabalho para as pessoas interessadas em desenvolver uma reflexão crítica sobre o trabalho do professor e suas perspectivas futuras. Composto-se de 12 capítulos, a obra permite-nos passear por temas que discutem a necessidade de uma delimitação clara das funções dos professores, que são instados a solucionar problemas decorrentes do contexto social e têm de cumprir um número cada vez maior de exigências e competências. Trabalho denso e bem estruturado, discute a necessidade de mudança na formação permanente do professorado no século XXI.

Embora o tema da formação do professor tenha conquistado um significativo aprofundamento teórico e outros avanços importantes na última etapa do século XX, sua conceituação ainda carece de mediações e articulações práticas para evitar que esses avanços permaneçam na letra impressa ou “pervertendo-se” em abordagens superficiais, sobretudo na discussão dos papéis no desempenho do professorado. Tal crítica deve ser respeitada.

Francisco Imbernón apresenta um currículo consolidado fundamentalmente na abordagem dessa temática. Tem-se destacado na discussão dos temas pertinentes à articulação entre teoria e prática educativas em diferentes âmbitos e níveis. Mestre e doutor em Filosofia da Educação, atualmente é catedrático da Universidade de Barcelona, desempenhando atividades na formação permanente de professores de todos os níveis educacionais, desde o ensino fundamental até a universidade.

A Apresentação, elaborada pelo próprio autor, justifica a necessidade de uma mudança na formação permanente do professorado no século XXI. Por conta de mudanças bruscas que ocorreram nas últimas décadas do século XX, muitos não se deram conta da necessidade de atualizações no âmbito de suas profissões, permanecendo na ignorância ou no desconcerto, de fato, em uma “nova forma de pobreza, material e intelectual”. No campo do professorado, ainda no século XX, tais mudanças foram institucionalizadas no debate sobre a necessária formação permanente, no entanto, elas se mostraram incipientes; observando-se uma falta clara de limite nas funções desses profissionais. Com o aumento de solicitações de que os professores resolvam também problemas derivados do contexto social, aparece também a exigência de novas competências no campo da educação com a consequente intensificação do trabalho educativo. Como resultado, a educação aparece no topo das críticas sociais, perdendo respeitabilidade e hierarquia. A demanda por soluções imediatas legitima cursos padronizados por conferências-modelo e noções ministradas em cursos balizados por ortodoxia na forma de conceber a formação. Ocorre o que Imbernón classifica como “estupidização formativa”, que atrasa ainda mais a percepção de que o método deve fazer parte integrante do conteúdo do que se pretende ensinar. Desse modo, esclarece-se que o desdobramento das tarefas de ensino para o campo social exige nova postura metodológica, haja vista que não se pode pensar a formação perma-

---

\* Tradução: Sandra Trabucco Valenzuela. Editora Cortez, 2009. 118 p.

\*\* Possui graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1980), mestrado em Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é docente concursada da Universidade Católica de Santos, atuando no curso de Pós Graduação em Educação, Mestrado, lecionando Pesquisa em Educação, Educação Cultura e Sociedade e Seminários de Pesquisa, e no Curso de Pedagogia, onde ministra as disciplinas Metodologia da Educação I, II e III. Tem experiência na área de Sociologia da Educação, Teoria Sociológica, Antropologia Cultural Teoria da Comunicação e Metodologia Científica. Atua principalmente nos seguintes temas: educação, educação e temas transversais, educação informal, Educação e Modernização, mudança social e trabalho.

nente de professores sem antes analisar o contexto político e social, de acordo com a especificidade de cada país, território ou região. “Assim, tudo o que se explica não serve para todos, nem em todo lugar”.

Como já anunciado na Apresentação, o capítulo 1 discute os resultados da *formação permanente* que emerge no momento de mudanças aceleradas. De fato, tais resultados não podiam ser outros que não aqueles que, já no momento em que surgem, se tornam obsoletos e caducos, considerando que trazem em si anunciados os sinais dessa caducidade, dada a rapidez com que são produzidos. Tal situação esclarece a obrigação de uma *reconceitualização* constante da formação permanente de professores; exigência colocada pela aceleração do tempo em função das descobertas da ciência e da tecnologia, das quais a educação é de fato caudatária. A desorientação das pesquisas em educação deriva da não-percepção das mudanças mais gerais no mundo globalizado. “Buscando alternativas, avançamos pouco no mundo das idéias e nas práticas políticas. Não conseguimos ver o que significa uma educação baseada na liberdade, na cidadania e na democracia” (p. 14).

Essa visão fica obscurecida pelo pensamento único ainda predominante. Presos ao currículo igual, gestão idêntica, normas iguais, formação igual, fica difícil “desmascarar” o currículo “oculto” que ainda é transmitido na formação do professorado. Frente à nova concepção de tempo e espaço colocada pelas mudanças estruturais, impõe-se à educação e à formação do professorado romper com essa forma de pensar, de ver a educação e de interpretar a realidade. “Amedrontados” diante da crise institucional, o professorado baixa sua motivação para fazer coisas diferentes. “E as administrações educativas não se atrevem a possibilitar novas alternativas de mudança, já que estas hão de partir de pressupostos diferentes” (p. 15).

No capítulo 2, *Mudanças sociais orientam o caminho*, Imbernón faz uma genealogia do conceito de conhecimento e sua relação com a formação, expondo as etapas que se sobrepõem e perduram ao longo do tempo e nas quais o discurso novo concretizou-se ou vai se tornando predominante. Para tanto, é preciso avaliar o que devemos “desaprender” do velho, ao mesmo tempo que, desse mesmo velho, temos de desvelar as possibilidades do novo. É possível reconstruir a partir do velho? É possível

modificar as políticas e as práticas de formação permanente do professorado? Como as mudanças atuais repercutem na formação do professorado? Essas questões são exaustivamente debatidas nesse capítulo e instigam-nos a buscar pistas para gerar novas alternativas. Reconhecendo que as mudanças repercutem muito no âmbito da educação e que a análise do contexto pode desvelar elementos que influenciam na formação do professorado, o autor destaca um rol de possibilidades temáticas, entre as quais, a evolução acelerada da sociedade. Mudanças nos meios da comunicação e tecnologias geram crise nas formas tradicionais de transmissão do conhecimento, exigência de mudança na perspectiva do que ensinar e do que aprender; sociedade multicultural; desregulação do mercado frente à lógica neoliberal, entre outras.

*O que aprendemos?* é a matéria do capítulo 3 que também discute os desdobramentos da reflexão rumo às relações sociais mais abrangentes. A formação permanente de professores requer uma atitude de cooperação e o reconhecimento de que há um clima de contextualização e diversidade entre eles. A formação de professores influencia e recebe influência do contexto histórico social e esse contexto condiciona os resultados que podem ser obtidos.

A discussão das dificuldades a transpor é o assunto desenvolvido no capítulo 4, no qual o autor discute e destaca a falta de coordenação eficaz dessa formação inicial em seus vários níveis, predominando a improvisação nas modalidades de formação. A definição ambígua dos objetivos e de procedimentos formativos; a falta de orçamento para atividades de formação coletiva; horários inadequados, intensificando, assim, a tarefa do docente; uma formação retrógrada aplicada sobre princípios generalistas e a formação vista apenas como incentivo salarial são alguns dos obstáculos elencados pelo autor para uma boa formação do professorado. Tudo isso pode provocar uma burocratização mercantilista da formação, comprometendo o processo de reflexão e de descoberta de novos caminhos.

Nos capítulos 5, 6 e 7 são discutidas as novas tendências de formação permanente do professorado, e um grande destaque é dado a constatação de que essa nova formação é tarefa coletiva; o que pressupõe, nas instituições formadoras, atividades de *formação colaborativa*. Mesmo reconhecendo

que o trabalho colaborativo não é tarefa fácil, o autor deixa clara a necessidade de abandonar a formação individualista. Para ele o contexto social é elemento imprescindível e a forma mais adequada para desenvolver o trabalho de formação permanente é mesmo o trabalho colaborativo. A formação assim entendida assume um conhecimento capaz de promover processos próprios de intervenção, o que é mais adequado ao momento histórico no qual estamos inseridos. A formação não se desvincula do conceito de formação docente, das instituições educacionais de ensino e pesquisa, da análise do perfil de crianças e adolescentes, mas deve ser unida ao conceito de trabalho, promovendo uma inovação institucional.

O capítulo 8 articula, então, a necessidade de se traçar o perfil do docente, não apenas com relação à sua identidade pessoal e subjetiva, mas, fundamentalmente, seu perfil profissional de trabalhador coletivo. Compreende que a formação permanente do professorado deve potencializar a identidade docente do trabalhador como produtor de conhecimento e, assim, harmonizar processos muitas vezes contraditórios. O reconhecimento da identidade permite interpretar melhor o trabalho docente.

*A formação permanente do professorado deve criar comunidades formativas* é a matéria de discussão do capítulo 9. Trabalhar conjuntamente com a comunidade pressupõe o desenvolvimento de habilidades ancoradas na cultura profissional que atua como filtro para interpretar a realidade.

O capítulo 10 leva-nos a reconhecer a complexidade do pensamento e da prática docente, demonstrando que a educação é um fenômeno social constituente de uma rede aberta de múltiplas determinações. Assim, constata-se que *a formação permanente do professorado deve ser introduzida no desenvolvimento do pensamento concreto* para descortinar-se o novo contexto da formação do professor de forma diferente.

Concluindo a proposta do livro, o autor discute, no capítulo 11, a necessária atenção ao *desenvolvimento atitudinal e emocional do professorado*. A formação em atitudes cognitivas, afetivas e de conduta auxilia o desenvolvimento pessoal do professorado, inserido nas relações de uma profissão

em que a fronteira entre o pessoal e o profissional se desvanece.

O capítulo 12 completa a reflexão sobre as mudanças necessárias na formação permanente do professor. Questiona o papel dos “formadores de formadores” na formação permanente do professorado. Destaca que tanto a estrutura organizacional da formação permanente quanto o papel dos formadores teriam que mudar. Seria preciso que eles se transformassem em *dinamizadores*, auxiliassem e potencializassem a criação de uma estrutura mais flexível para a formação. Desse modo, essa mudança passaria necessariamente pela consciência de que essa formação não pode deixar de lado os aspectos políticos e sociais de uma realidade que se produz fora dos muros da escola.

Finaliza o livro com uma mensagem otimista na qual afirma acreditar que uma outra formação de professores é possível. Para ele é possível vislumbrar alternativas como as que não se limitam a analisar apenas a formação como o domínio das disciplinas científicas ou acadêmicas. Aqui reside a qualidade diferenciada do trabalho de Francisco Imbernón: um livro composto de ensaios articulados pela proposta de *desconstruir e reconstruir* aspectos que, durante muito tempo, permaneceram em uma inércia institucional. A percepção de um novo modelo em constante mutação coloca o tema da formação de professores em uma perspectiva processual na qual a formação deve sempre presumir desequilíbrio, desaprendizagem, mudança de concepções e práticas educativas, às quais caberia resolver situações problemáticas.

Embora considere que o autor não deu conta do aprofundamento crítico exigido pela complexidade da proposta, é inquestionável que as qualidades de seu texto superam as redundâncias discursivas. Pelas qualidades destacadas nesta resenha, essa obra torna-se instrumento indispensável, não só para os pesquisadores do campo da educação e formação de professores, como também para todos aqueles que, dos mais diferentes lugares sociais e profissionais, procuram entender os impasses e as “amarras” de uma educação condicionada pelas mudanças estruturais.